

De Brasília

# HISTÓRIA ESQUECIDA NAS PONTES

CIDADES

## Apoio custou a vida política

Castello Branco precisava e pediu o apoio de Juscelino para ter o nome aprovado pelo Congresso Nacional para o mandato 1961-65. No dia seguinte, as rádios divulgaram a nota de JK: "A conduta e o passado desse ilustre militar asseguram completo respeito e acatamento da vontade de povo que será expressa nas urnas a 3 de outubro de 1965."

## Militar dizia-se um democrata

Quando alguém quer falar mal de Juscelino, lembra logo que ele votou em Castello Branco no colégio eleitoral que o elegeu presidente. O general prometia que seria substituído por um civil, que sempre fora democrata, que as eleições seriam realizadas na data marcada e o candidato eleito seria empossado. Era o que JK queria ouvir.

## Ataques à honra de JK

Acuado por uma série de acusações de corrupção em seu governo, Juscelino divulgou uma nota, em 25 de maio de 1964: "O povo já me julgou e tenho a certeza de que quer fazê-lo novamente na primeira oportunidade. Só por esta razão meus detratores me atacam. Querem derrubar não só um candidato, como também o próprio regime democrático."

## Desamor a Brasília

Oscar Niemeyer expunha suas queixas contra a ditadura, embora nem todas se tornassem públicas por conta da censura à imprensa. Comunista, ele teve projetos impedidos pelos militares, como o do aeroporto. "Ninguém se preocupou em desmerecer Brasília, mas um desinteresse, um desamor permanentes permitiram que muita coisa fosse desvirtuada."

## Uma ponte para Juscelino

A terceira ponte foi inicialmente chamada de Ponte do Mosteiro pela proximidade com o Mosteiro São Bento, na QL 29. A ideia de batizá-la JK foi do governador Joaquim Roriz, no início das obras. Obra do arquiteto Alexandre Chan, a ponte foi considerada em 2003 a mais bonita do mundo pela Sociedade dos Engenheiros da Pensilvânia (EUA).

## Sem nome de presidente

A Ponte do Brageto, que liga o Eixo Rodoviário Norte ao Balão do Torto e à DF-003, é a única a não levar o nome de um ex-presidente do Brasil. É muitas vezes confundida com um viaduto. Localizada na saída para o Lago Norte, deve seu nome à construtora Braghetto & Carvalho. O acampamento da empresa ficava ao lado da ponte em construção.

OBRA DE NIEMEYER, A PONTE COSTA E SILVA COMPLETA 30 ANOS AMANHÃ. POR IRONIA, O MONUMENTO MODERNISTA LEVA O NOME DO PRESIDENTE QUE ARTICULOU A CASSAÇÃO DE JUSCELINO

ROVÊNIA AMORIM  
DA EQUIPE DO CORREIO

Há uma triste ironia política pendurada entre o Lago Paranoá e o Plano Piloto. As duas principais pontes de Brasília, a Costa e Silva e a JK, miram-se uma à outra e nesse mirar escondem parte da história recente do país. A ponte mais velha, obra de Oscar Niemeyer, completa amanhã 30 anos. Leva o nome do presidente que articulou a cassação do personagem que o regime militar tanto temia, Juscelino Kubitschek. A ponte mais nova, inaugurada em 12 de dezembro de 2002, obra do arquiteto Alexandre Chan, tem o nome do inimigo número 1 da ditadura, JK.

Trinta anos atrás, Juscelino completava 12 anos de cassado e não era mais o otimista da época em que os brasileiros assistiam, entusiasmados a epopeia da construção de uma nova capital no interior desabitado do Brasil. Cansado, queria apenas que o país recorresse à democracia, embora desaperançado com o neoveio que a ditadura impunha aos brasileiros. O general Ernesto Geisel era o quarto presidente imposto pelo regime militar. Foi Geisel que, às 11h15 da sexta-feira 6 de fevereiro de 1976, inaugurou, a convite do então governador do Distrito Federal, Elmo Serejo, a primeira ponte monumento a cruzar o Lago Paranoá — a Costa e Silva.

Houve carreatas e buzinação para festejar a obra concluída depois de oito anos de abandono. Uma construção difícil, mas que representou uma vitória nacional. Motivo de orgulho para os engenheiros do Escritório de Construções e Engenharia (Ecel S/A), que conseguiram erguer-la sem alterar o projeto original de Oscar Niemeyer. O resultado foi um cartão-postal ímpar no país — a bela estrutura de concreto parece flutuar sobre o espelho d'água, como queria o arquiteto. A execução da arquitetura inovadora, com vão livre de 220m sobre o lago, exigiu soluções inovadoras de engenharia que despertaram a curiosidade internacional. Não há festejos programados para esta segunda-feira 6 de fevereiro.

A Ponte Costa e Silva já estava em construção. A obra foi iniciada em 1967, mas de junho de 1971 a março de 1975 ficou paralisada. A ideia de uma ponte sobre o Lago Paranoá foi de Waclaw Gómski, o último prefeito do Distrito Federal. Ele chegou a ir até o presidente Costa e Silva para avisar que daria o nome do marechal à obra. Costa e Silva foi contra. "Mas como? Eu ainda não morri." O presidente alertou-lhe de que a legislação brasileira impedia colocar nome de pessoas vivas a logradouros públicos. Iniciou a mente chamada Ponte Monumental de Brasília, o nome Costa e Silva ganhou fôlego depois de sua morte súbita em dezembro de 1969.

Juscelino e Costa e Silva nunca tiveram paralelismo de ideias em suas vidas políticas. Pelo contrário, viveram um antagonismo na história brasileira, onde um foi responsável direto pelo assassinato político do outro. O mineiro de Diamantina era um democrata obstinado, dono de um entusiasmo que empolgou o povo e tornou possível a construção da capital.

O marechal Arthur da Costa e Silva foi o segundo na linha sucessória dos cinco militares que comandaram a ditadura entre 1961 e 1984. Sob o seu comando, os brasileiros viveram uma época de medo, de repressão e falta de liberdade emanadas de um golpe militar, sucedido por um ato institucional (o AI-5), que ignorava de vez os preceitos constitucionais do país. Juscelino sofreu com a perseguição do militar. Foi durante o



*"Sabe que estou com a sensação de que Brasília não é mais minha?"*



*"Como é, presidente, você cassou ou não cassou Kubitschek?"*

seu governo que o presidente ficou preso por duas semanas no 3º Regimento de Infantaria em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Uma cela sem conforto, com um catre, uma mesa e um sofá velho, com as molas à mostra. A privada não tinha tampo e deixava a água pingar o tempo todo.

### Autor da cassação

Costa e Silva teve influência direta nas articulações que levaram à cassação de Juscelino, ainda no governo de Castello Branco. Em 26 de maio de 1964, Castello Branco e Costa e Silva, então ministro da Guerra, regressaram juntos de São Paulo. Já no carro, ele dizia a Castello: "Como é, presidente, você cassou ou não cassou Kubitschek?" Mais tarde, no avião, o presidente disse: "Leandro, você que, como ministro, tem a competência de propor a cassação de mandatos. Se acha que Kubitschek deve ser cassado, represente contra ele." Costa e Silva se resumiu a dizer: "Tudo bem. Vou fazer isso." É o que relata

Cláudio Bojunga, em JK, O Artista do Impossível, biografia de quase 800 páginas, Editora Objetiva.

Contra o presidente que construiu Brasília, o então ministro produziu um documento que apontava Juscelino responsável pelo "disparo do canhão da inflação" e pedia a sua cassação. As 19h45 da segunda-feira, 8 de junho de 1964, o secretário de imprensa da Presidência, José Vamberto, entregou aos jornalistas nota curta informando que estavam cassados os direitos políticos de JK. O decreto suspendia a vida pública de JK por 10 anos e levava duas assinaturas: a do marechal Castello Branco e a do ministro da Justiça, Milton Soares Campos.

Muitos anos mais tarde, o general João Baptista Figueiredo, que havia chefiado o SNI antes de se tornar presidente, faria ao seu ministro de Comunicação Social, Said Farah, referências elogiosas a JK por sua "operosidade e clarividência em matéria de desenvolvimento social, mencionando ainda a relativa pobreza de JK", ainda segundo Cláudio Bojunga. Figueiredo respondeu que ele próprio investigara a vida passada de Juscelino e nada de sério encontrara a desabonar a sua honradez. Farah quis saber por que então Juscelino fora cassado. A resposta foi curta: "Porque Costa e Silva queria."

A cassação de Juscelino visava impedir que ele viesse a concorrer à Presidência ou se mantivesse ativo politicamente. Era parte do processo de tomada de poder pelos militares. "JK tinha 65% de aprovação e ganharia fácil uma eleição, segundo as últimas pesquisas", conta Carlos Murilo, sobrinho de Juscelino e, na época, deputado federal pelo PSD de Minas Gerais.

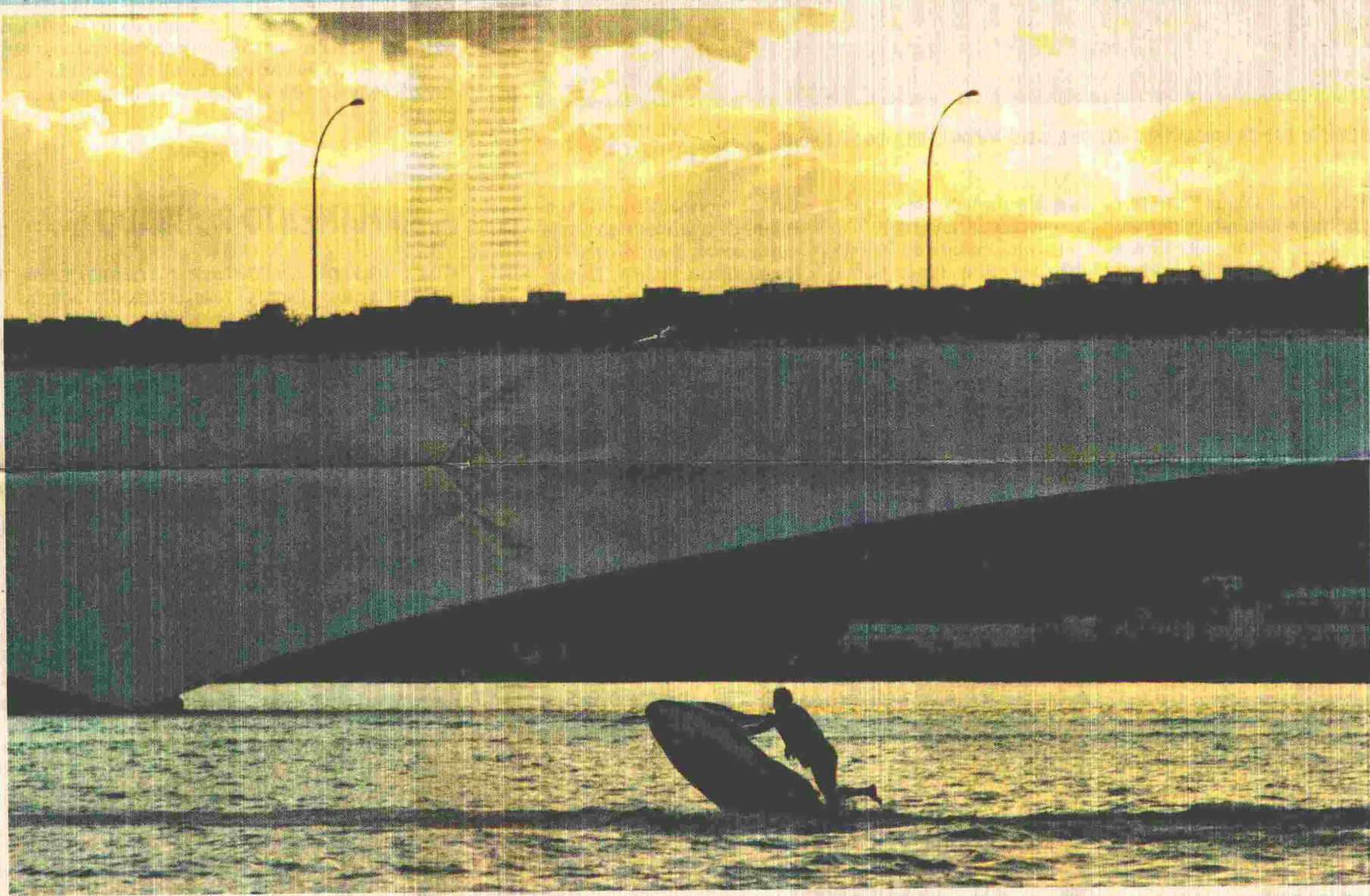
JK poderia, ao final do seu mandato, no qual inaugurou Brasília, ter instituído a reeleição no país e se beneficiado com a medida, como faria Fernando Henrique Cardoso em 1997. Mas Juscelino era, antes de tudo, um legalista e preferia voltar à Presidência nas eleições de 1965, impedida pelos militares.

No ano em que a Ponte Costa e Silva foi inaugurada, Juscelino vivia uma fase lamuriosa. Em 8 de junho, ele chegou a escrever em seu diário: "Comemoro 12 anos de cassado e vejo o Brasil cada vez pior, sem liberdade, sem esperança e sem felicidade." Segundo Vera Brant, amiga de Juscelino nos últimos anos de sua vida, o presidente nunca lhe fez comentários sobre a ponte, batizada com o nome de quem articulara a sua cassação. Mas na noite de 18 de agosto de 1976, no barzinho do Hotel Eron, Juscelino deixou escapar parte da sua tristeza: "Sabe que estou com a sensação de que

Brasília não é mais minha?" Ele olhava para a ponte que ligava a Asa Sul à Asa Norte, e que não era do seu tempo.

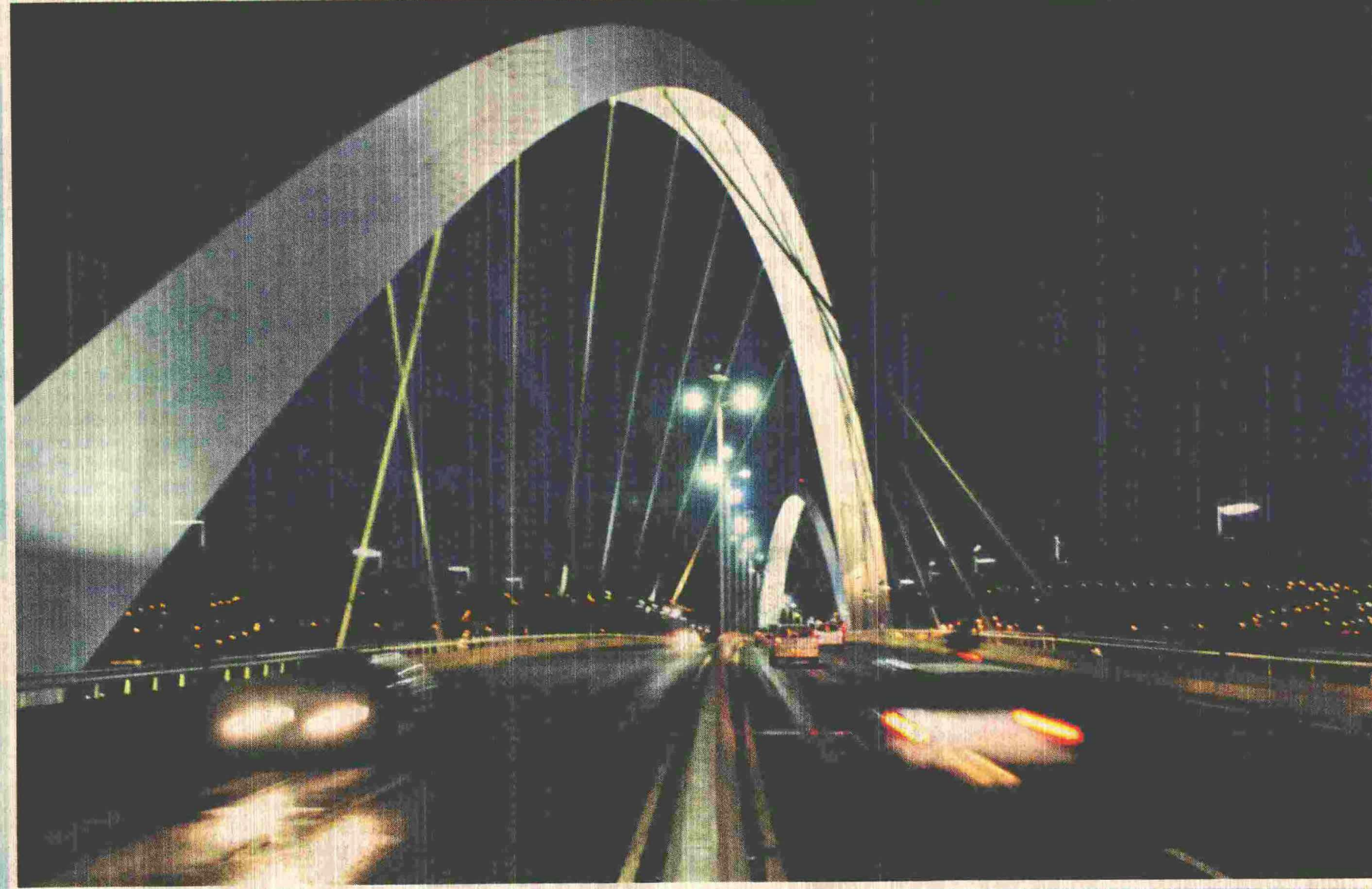
Essa ponte, na verdade, era o viaduto construído para ligar a W3 Sul à W3 Norte. A ponte que ligou a despojada Avenida das Nações ao Setor Habitacional Individual Sul (Lago Sul) não constava dos planos originais de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Os dois concordaram com a obra e Niemeyer fez o projeto arquitetônico para a travessia de 440m sobre o Lago Paranoá. No discurso das autoridades, nenhuma menção a JK. Seis meses depois, um domingo de 22 de agosto de 1976, o presidente morre em um acidente de carro, na via Dutra, Geisel declarou luto oficial de três dias, mas não compareceu ao enterro. O povo carregou o caixão até o Campo da Esperança, na maior manifestação popular do país desde que a ditadura calou os protestos, prendeu e fez desaparecer militantes políticos de esquerda.

Luís Tajes/CB/3.4.05



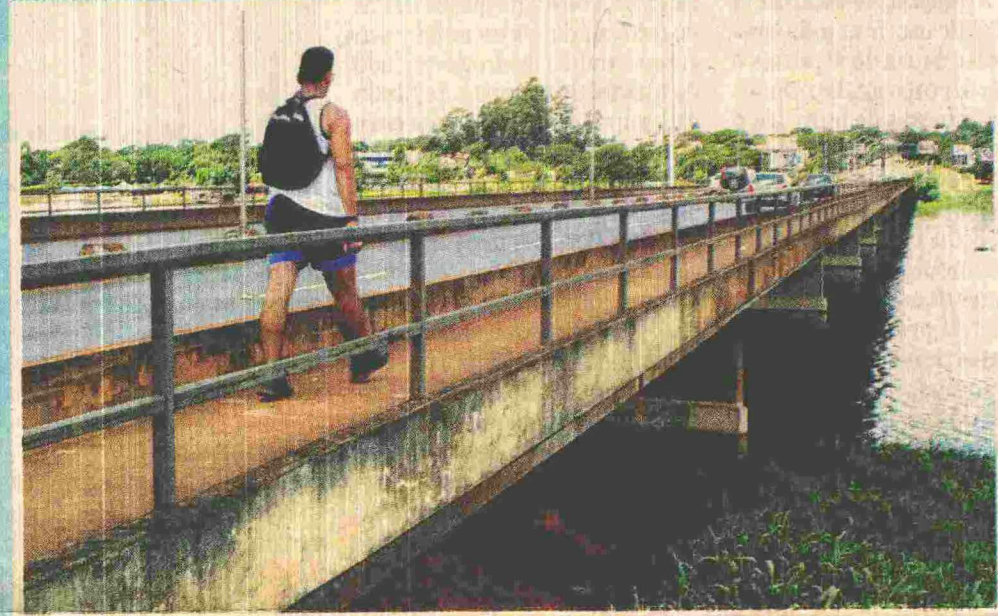
DOIS VÃOS DE 220 M CADA UM TOCAM O ESPELHO D'ÁGUA DO LAGO PARANOÁ. QUANDO A PONTE COSTA E SILVA FOI INAUGURADA, JUSCELINO VIVIA UMA FASE DE OSTRACISMO POLÍTICO

Ronaldo de Oliveira/CB/2.7.04



A PREMIADA PONTE JK CORTA O LAGO LADO A LADO COM A COSTA E SILVA. DOIS PRESIDENTES DE VOCAÇÃO ANTAGÔNICA, E DESTINOS QUE SE ENTRECruzaram. UM, DEMOCRATA, O OUTRO, DITADOR

Daniel Ferreira/CB/1.3.04



CONSTRUÍDA ÀS PRESSAS, A PRIMEIRA PONTE JÁ TEVE O NOME DE UM PRESIDENTE DA DITADURA

## O NOME AGORA É DAS GARÇAS

Três pontes ligam o Plano Piloto ao Lago Sul. E até há pouco tempo, as três levavam nomes de presidentes do Brasil — Juscelino Kubitschek, Costa e Silva e Médici. Assim como Costa e Silva, Médici também minou os sonhos políticos de Juscelino Kubitschek ao eliminar qualquer possibilidade de o presidente voltar à cena política depois de 1974, quando terminaria o prazo de 10 anos de suspensão de seus direitos civis. Uma nova lei proibiu os punidos de ocupar funções públicas, embora passado o período da cassação.

A Ponte Médici foi construída, às pressas, devido ao atraso nas obras da Costa e Silva. Uma construção simples, em linha reta, iniciada em 29 de junho de 1973 e concluída seis meses depois, em 14 de janeiro de 1974. Para tanto, foi escolhido um trecho estreito e pouco profundo do lago. Hélio Prates era o governador do Distrito Federal e o general Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974), o presidente do Brasil.

Em 2005, a Ponte Médici voltou a ser chamada Ponte das Garças. O Decreto 12.053, de 14 de dezembro de 1989, publicado no Diário Oficial, havia mudado o nome, mas novas placas recuperaram o nome antigo. A ponte de 300m de comprimento sobre o Lago Paranoá, que liga a 608/609 Sul a BR-025, voltou a se chamar Ponte das Garças. A mudança se deu depois que uma brasiliense mandou e-mail à Administração do Lago Sul protestando contra a instalação de uma nova placa na ponte que vai da L2 Sul ao Centro Comercial Gilberto Salomão. Já havia um decreto mudando o nome da ponte e, apesar disso, a placa com o nome do militar continuava lá: Ponte Presidente Médici.

O escritor e jornalista Cláudio Bojunga ficou surpreso ao saber que ainda existe em Brasília uma ponte com o nome de um presidente militar — Costa e Silva. "Brasília ter alguma celebração aos militares é uma ofensa à memória de Juscelino", lamenta. "É preciso se apagar os vestígios desses brutos que conseguiram separar os brasileiros do Brasil. É um absurdo que exista uma ponte com o nome de Costa e Silva numa cidade concebida por um democrata, um humanista, projetada por dois arquitetos liberais que pensaram Brasília com base num sonho democrático."

O jornalista Carlos Chagas, que em maio de 1969 aceitou o convite de Costa e Silva para ser o secretário de imprensa da Presidência, defende a manutenção do nome do general na ponte. "Tirar o nome seria uma grosseria", considera. Autor da reportagem sobre os 113 dias de angústia de Costa e Silva, que lhe valeu o Prêmio Esso de Jornalismo em 1970, o jornalista conta que o autor do AI-5 tentou revogar o

ato, mas foi impedido por uma trombose, que lhe tirou a voz e os movimentos do lado esquerdo do corpo. "Ele não queria passar para a história como mais um general que golpeou as instituições", conta Chagas.

Os primeiros sintomas da doença apareceram em 30 de agosto de 1969. Antes, porém, da data que Costa e Silva havia marcado para enviar a mensagem ao Congresso — em 7 de setembro de 1969. No mesmo dia, viajou ao Rio de Janeiro e, no Palácio das Laranjeiras, decidiu executar uma última medida como presidente, segundo conta Carlos Chagas. "Ele tenta escrever o nome no papel, mas não consegue. Começa a chorar, a caneta cai no chão e, 10 minutos depois, ele entra em coma", conta o jornalista.

O AI-5 foi o marco da linha dura da ditadura militar. O ato deu a Costa e Silva poderes absolutos para legislar, decretar o recesso do Congresso e das assembleias legislativas e câmaras municipais, suspender direitos políticos e cassar mandatos por 10 anos sem direito de defesa dos atingidos, suspender as garantias da magistratura, decretar estado de sítio e prorrogá-lo por tempo indeterminado, suspender direitos e garantias individuais, inclusive habeas-corpus e censurar a imprensa. O Congresso foi fechado em 13 de dezembro de 1968 e só foi reaberto em outubro de 1969 para confirmar a eleição do general Médici.

Sobrinho de Juscelino Kubitschek, Carlos Murilo conta que o presidente guardava mais tristezas em relação a Castello Branco. "Ele sabia que Costa e Silva o havia cassado, que era o comandante da linha dura. JK, assim como eu, votou para que Castello Branco fosse eleito presidente no Congresso porque ele tinha dado a palavra de que passaria a faixa presidencial ao candidato que vencesse as eleições em '65", lembra. Uma vez, Juscelino chegou a comentar o episódio com o sobrinho: "O meu compromisso era com o presidente da República. Achava que ele era mais forte do que o seu ministro da Guerra (Costa e Silva)."

Trinta anos depois, Carlos Murilo prefere ignorar o nome de Costa e Silva na ponte sobre o Lago Paranoá. "Aprendi a seguir a cartilha de JK. A coisa está feita. Para mudar isso, só se for por um plebiscito, pela vontade popular. Por vingança, não", defende. Filha de Juscelino, Marietela Kubitschek Lopes, comenta que prefere seguir os princípios do pai, "um conciliador por natureza", como ele mesmo dizia. "Quando estou em Brasília, passo pela Ponte JK ou pela ponte, linda, de Oscar Niemeyer. Para mim, é a ponte de Oscar Niemeyer. E se tivesse que mudar o nome dessa ponte, que fosse para Oscar Niemeyer. Meu pai ficaria muito feliz", diz Marietela. (R.A.)